

ATRASO IMPERDOÁVEL

AO INOCENTAR LULA, O STF LEVOU CERCA DE TRÊS ANOS PARA REPETIR LUIGI FERRAJOLI NA CONDENAÇÃO DO JUIZECO INQUISIDOR

por MINO CARTA

Dia 23 de março de 2021: a data soa aos meus ouvidos como o exato momento do fim de toda uma quadra da história brasileira. É o período dominado por uma figura a ser ainda decifrada por completo, que se arvorou a *deus ex machina* dos eventos e determinou seu desenvolvimento. Considerações sobre o protagonista deste capítulo nos levam à constatação de que, a despeito das suas insopitáveis veleidades, Sérgio Moro não passa de um desprovido ex-estudante de Direito incapaz de entender as consignas da matéria, seus limites e suas injunções. De todo modo, a personagem precisa do seu contexto, dos coadjuvantes e quantos mais estiveram por trás da sua ação, favorecendo de todas as maneiras para transformar um juizco provinciano e ambicioso além da conta em herói.

Em primeiro lugar, vamos dar o espaço certo à força-tarefa do ignóbil processo conduzido naquilo que foi chamado,

não sem orgulho de muitos, como República de Curitiba. Merece a citação Deltan Dallagnol, o extraordinário criador de um PowerPoint que representa a mentira mais clamorosa. As histórias do triplex do Guarujá e do sítio de Atibaia, sem exclusão do barquinho de lata, apresentado pela avó Marisa aos netos, e que já



Ferrajoli falou e disse muito antes

valeu manchete na primeira página da *Folha de S. Paulo*, são as provas de uma operação destinada apenas e tão somente a visar Lula e seu partido, a bem da resistente casa-grande.

O fato de que o Supremo Tribunal esteja hoje a reconhecer a intrínseca falsidade, a irreversível má-fé do processo movido contra o ex-presidente na opinião de *CartaCapital* não o releva, embora nem todos os ministros aceitaram passivamente a tese conveniente aos donos do poder. Nem por isso cabe qualquer gênero de solidariedade em relação, por exemplo, à ministra Cármen Lúcia, que muda o seu voto em cima da hora, embora prestigiada por Lula e pela música de Caetano Veloso, quando da sua posse como presidente do STF. Não vale verter lágrimas hoje, quando o reconhecimento da inocência de Lula e da suprema malignidade do processo conduzido por Moro já fora desvendado pelo Intercept, na investigação comandada por Glenn Greenwald, nosso novo colaborador.



Que dizer da tibieza do STF e de alguns mais denodados integrantes? Que dizer de um títere empolado chamado Edson Fachin, até o fim empenhado em relevar Moro depois de haver largado do topo a primeira bola de neve. É de Glenn a revelação da frase transmitida por mensagem por Dallagnol a Moro: “Não se preocupe, o Fachin é nosso”. Mais quantos foram deles? A mídia nativa em peso, com a honrosa exceção de *CartaCapital*, postou-se ao lado da Lava Jato praticamente até seus últimos lances. Este enredo há de ser analisado à luz da peculiaridade brasileira, única e por ora intransponível.

Formou-se a corrente pra frente dominada pelos senhores de sempre, estes, sim, os verdadeiros inimigos de Lula e de qualquer tentativa de mudar o País e de torná-lo menos desigual. O que o STF descobre hoje e precipita o fim de Moro e suas tramoias já foi tema de um artigo de autoria de Luigi Ferrajoli, jurista italiano de fama mundial, publicado na edição de 16 de novembro de 2017. Leio: “Em primeiro lugar, a confusão entre juiz e acusação, isto é, ausência de separação entre duas funções, por isso a figura do juiz inquisidor que, em violação do princípio do *ne procedat iudex ex*

Lula foi submetido a longos interrogatórios baseado em uma farsa

officio, promove a acusação, formula as provas, emite mandados de sequestro e de prisão, participa de conferências de imprensa, ilustrando a acusação e antecipando o juízo e, enfim, pronuncia a condenação de primeiro grau”.

“O juiz Sergio Moro – escreve Ferrajoli – parece de fato o absoluto protagonista deste processo.” E ainda: “Além disso, além de ter promovido a acusação, emitiu em 12 de julho deste ano a sentença com a qual Lula foi condenado a nove anos e seis meses de reclusão por corrupção e lavagem de dinheiro e com a interdição

para exercício de funções públicas por 19 anos. É claro que uma similar figura de magistrado é a negação da imparcialidade, dado que confere ao processo o andamento monólogo, fundado no poder despótico do inquisidor”.

Ferrajoli não deixa de anotar como a mídia brasileira ofereceu sua colaboração decisiva para “demonizar” o ex-presidente. “Mais grave é o fato – diz Ferrajoli – de que a campanha midiática foi alimentada pelo protagonismo dos juízes. (...) A antecipação do juízo é, por outro lado, um hábito somente do juiz Moro.” Levou mais de três anos para o STF chegar a conclusões similares, ainda que não endossadas por todos os ministros. Tampouco a imprensa desculpou-se com seus leitores por tê-los tão mal informado. Nem mesmo o jornal *O Globo*, que pediu perdão por não ter admitido que o regime civil-militar foi uma ditadura disposta à prática de graves violações dos direitos humanos.

Na visão de *CartaCapital*, um sórdido capítulo está encerrado, Lula finalmente recebe o benefício da verdade e pode ser considerado livre em todos os sentidos. Já disse neste espaço e volto a repetir: trata-se de um Lula que identificou no seu sofrimento onde está a verdadeira oposição à sua digna aposta em um Brasil melhor. •

**A MÍDIA NÃO
PEDIU PERDÃO
AOS SEUS
LEITORES POR
TER DEMONIZADO
LULA E ENALTECIDO
MORO**